

# VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM PROBLEMA SOCIAL, REAL E EMERGENTE

Elis Maria T. Palma Priotto\*

Resumo: Neste trabalho apresenta-se uma definição mais ampla de violência escolar em relação às que normalmente se apresentam nos referenciais bibliográficos sobre o tema. Esta ampliação se embasa na compreensão do fenômeno como algo intrinsecamente relacionado ao contexto social, cultural e histórico em que ele se dá. Pondera a maneira de como abordar a questão violência escolar diante das manifestações que ocorrem dentro das instituições escolares e que estão relacionadas tanto a problemas internos como externos do cotidiano escolar. O objetivo do estudo foi identificar a violência escolar existente e as práticas/ações realizadas para diminuí-la. Com uma abordagem qualitativa, a coleta dos dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas e gravadas com professores, diretores, pedagogos, juiz, policial, alunos adolescentes de 12 a 18 anos e a consulta de documentos. Concluí-se que o tema é atual e emergente e que uma ação do Estado sozinho não pode eliminar o problema, tal feito requer a participação da comunidade escolar, da família e da sociedade, por considerar que as escolas encontram-se numa região de fronteira, e que não serão somente políticas públicas para diminuir a violência e sim, um conjunto de ações que oportunizem melhorar o respeito humano, o resgate dos valores humanos.

Palavras-chave: Violência Escolar, escola, alunos, adolescentes.

Abstract: This article presents a broader definition of school violence in relation to that normally present in the bibliographical references about the theme. This extension is based on understanding of the phenomenon as something intrinsically related to the social, cultural and historical context in which it occurs. Ponder the way how to approach the issue of school violence on of the manifestations that take place within schools and that are related to both internal and external problems of everyday school life. The aim of this study was to identify existing school violence and practice / actions taken to reduce it. With a qualitative approach, data collection was conducted through structured interviews and recorded with teachers, principals, judges, policeman, teenagers, students from 12 to 18 years and consultation of documents. It is concluded that the topic is current and emerging and a state action alone cannot eliminate the problem, such a feat requires the involvement of the school community, family and society, considering that the schools are in a frontier region and that will not only public policies to decrease violence and yes, a set of actions that give opportunity improve human respect, the rescue of human values.

Keywords: School violence, school students, teenagers.

## INTRODUÇÃO

Identificar qual a melhor estratégia para o enfrentamento da violência escolar não é tarefa fácil para os que se interessam por este assunto e muitas vezes dada a complexidade existente em torno da temática, suas características e definições, percebe-se que ela vem se alastrando e constituído-se um grande desafio para a sociedade. E, por estar presente na sociedade, não se limita a determinados espaços, classes sociais ou faixas etárias.

O que distingue a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se adiciona à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e às desigualdades atuais na sociedade brasileira (SILVA; SALLES, 2011).

Dessa forma, a violência, como um problema social, é compreendida neste trabalho como produto, em parte, de desigualdades e antagonismos socioeconômicos, políticos e culturais. Em outra parte, refere-se ao desequilíbrio psicossocial promovido na sociedade contemporânea de um fenômeno social que impossibilita efetuar análises utilizando lógicas reducionistas (PRIOTTO, 2011).

Na sequência dessas concepções tem-se a violência escolar como questão central desta pesquisa: violência escolar, a instituição escolar muitas vezes, exacerba um problema social quando cristaliza as tensões de nossas sociedades.

Sabe-se que mesmo não sendo um problema recente, este fenômeno centra-se em dimensões inéditas. A violência escolar aumentou nos últimos anos e atualmente se apresenta na forma de insegurança aos alunos, professores, pais e à sociedade em geral.

Nesse entendimento, buscou-se estudos já realizados e publicados numa perspectiva de favorecer a compreensão em relação à violência escolar e verificou-se que, no período de 1980 a 1989, houve pesquisas que retratam questões de ações e práticas escolares delimitadas à sociedade contemporânea. No entanto, nessa época o objetivo principal dos professores e diretores era buscar maior segurança e não a ação popular preventiva e participativa e verdadeiramente democrática.

Outros retratam situações semelhantes às vivenciadas hoje nas escolas próximas de favelas com predomínio do tráfico de drogas e do crime organizado. Demais trabalhos mostram a compreensão da fase da adolescência e o comportamento dos alunos em linha geral, citando às "agressões e os pequenos delitos como furtos dentro da escola, características das incivilidades e do processo de crescimento econômico e social" (BLASKISTON, 1987, p. 298).

Sposito (2002) analisou um conjunto de pesquisa sobre violência escolar onde citou que muitas das ocorrências acontecem em várias cidades do país, não sendo mais restritas às grandes cidades e capitais. Evidenciou que o fenômeno

estava presente tanto nas escolas de caráter disciplinar rígido quanto nas escolas permissivas e desorganizadas.

Constatou que houve a busca de policiamento no entorno e dentro da escola em alguns momentos, no intuito de diminuir as depredações e conflitos, cita que as agressões físicas, violência contra a pessoa, aumentaram entre os alunos, e que já procuravam centralizar o foco em torno de políticas sociais.

No período de 2000, 2002, 2003 as pesquisas mostram a diversidade de temas procurando compreender o adolescente inserido numa sociedade, como sendo estigmatizado, excluído. Ou seja, que a violência escolar não é exclusivamente escolar, pois exprime uma espécie de afirmação do direito de ser reconhecido, mesmo em situações de extrema desvantagem decorrente do estigma.

Muitos desses estudos têm o enfoque da interdisciplinaridade como importância para discutir sobre violência, fenômeno que refere problema para o setor judiciário, social, econômico de saúde, cultural e educacional. Violência é uma questão para políticas públicas.

De fato é um problema da sociedade e que Abramovay (2002, p.32), afirma que: “a sociedade brasileira vem-se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar”.

Nestas manifestações da violência, Abramovay (2003), comenta que a violência pode assumir diversas formas, afetando profundamente a então rotina da comunidade escolar.

Laterman apud Sposito (2002, p. 151) chama a atenção para a questão da relação entre aluno e professor e refere que “não é possível afirmar que as incivildades se somam ou se transformam, ao longo do tempo, em crimes, como se fossem uma gênese daqueles acontecimentos mais graves”. No entanto, a autora destaca o fato de que os limites antissociais das condutas, sendo ultrapassados, facilitaram este indesejável avanço ao lado da confirmação da ausência de poder (seja da sociedade em geral, dos indicadores, dos pais, dos valores) que a isso se opusesse.

Segundo Pereira (2003) comenta que os professores percebem as violências como um fenômeno em expansão, reforçado, principalmente pelas desigualdades sociais, pela influência da mídia e pela desorganização familiar, contribuindo para muitas inconseqüências no cotidiano escolar.

Outros levam em conta o cotidiano da escola para identificar os tipos de violência ali gerada. Com as características da violência escolar no cotidiano de duas escolas, uma pública e uma particular, onde objetivou identificar os tipos de violência sofrida no âmbito escolar e como os professores e alunos identificam a violência gerada com relação à fase da adolescência.

Concluiu-se que o tipo de violência gerado na escola pública e particular tem as mesmas características em ambas, porém os professores da escola pública e da escola particular têm concepções diferentes a respeito do papel da escola em relação ao quadro geral de violência e de como lidar com os alunos adolescentes. O estudo demonstrou também que o adolescente tanto da escola particular como da escola pública querem mais respeito e professores que o possam ouvir (PRIOTTO, 2006).

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2009), com a intenção de diagnosticar situações de violência vividas e percebidas por estudantes adolescentes, identificou que 6,4% dos escolares deixaram de ir à escola porque não se sentiam seguros no caminho de casa para a escola ou da escola para a casa e 5,5% deixaram de ir à escola porque não se sentiam seguros no seu interior (MALTA et al., 2010).

Assim, considera-se como violência escolar: “Todos os atos ou ações” de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por e, entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar (PRIOTTO, 2011, p.112).

Por essa razão e considerando o exposto e fundamentado nas classificações e sugestões de Charlot (2002) e Abramovay (2003), Priotto (2011) apresentou uma classificação mais abrangente, contextualizando a violência para diferenciar violência *na* escola, violência *contra* a escola, e violência *da* escola.

A violência na escola é aquela que se produz “dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e atividades da instituição escolar” (CHARLOT, 2002, p. 434). Caracteriza-se por diversas manifestações no seu cotidiano praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Com ações de violência: física - contra o outro (s) ou contra o grupo, contra si próprio (suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, roubos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e matam, drogas (uso, oferta, venda e distribuição), incivildades - desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação (PRIOTTO, 2011, p. 96).

Violência contra a escola: representada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo ou furtos do patrimônio como estragar paredes, carteiras, cadeiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares (Idem).

Violência da escola, “esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar” (CHARLOT, 2002, p. 434). Todo tipo de práticas utilizadas pela instituição

escolar que prejudicam os seus membros como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo), a desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar - abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores e supervisores, como: avaliação, atribuição de notas, entrega do boletim marginalização, desvalorização do profissional professor, sua insatisfação indiferença, absentismo dos alunos, despreparo do profissional (reflexo do medo), falta de estímulos e interesse em educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como violentas situações que não envolvem a força, mas se caracterizam por ações de força (PRIOTTO, 2011, p.96).

Como as que Abramovay (2003, p.98) afirma ser violência "magoar, agredir por falta de respeito", que, para os jovens são atos de violência dos professores.

A violência na escola, em alguns casos, deve ser analisada como a violência da escola: aluno agredir ou usar de forças ou não contra o professor, diretor ou funcionário. Caracteriza-se numa violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam em virtude de regras e normas estabelecidas.

Na sequência a entrevista dos alunos da escola (A), exemplo de violência escolar.

Qualquer coisinha eles estão chamando os pais qualquer coisinha (ESCOLA A, ALUNA 3).

Parece que elas querem irritar a gente pra elas poderem dar motivo pra elas chamar nossos pais parece que elas... Não vou dizer ferrar a gente, parece que elas querem sabe. (ESCOLA A, ALUNA 4).

As guerras aqui na escola ta mais na entrega de boletim... Principalmente. Um exemplo, às mesas está tudo ali organizada e nós vamos junto com os pais (eles pedem pra gente vir junto, não sei pra quê) e de repente o professore pede licença que - eu quero falar com os pais de vocês. Fala e mete a faca, falando mal da gente e a gente não pode falar nada (ESCOLA A, ALUNA 3).

Cabe salientar que dentro do conceito de violência escolar existe certa confusão entre os termos violência e indisciplina, até porque muitas vezes são utilizados como sinônimo no cotidiano escolar.

Indisciplina pode ser entendida como uma forma de manifestação contra a exigência ou quebra de regras ao adequar-se à sociedade. Refere-se a "resistência, ousadia e inconformismo" (CAMACHO, 2001, p.129).

Nesse entendimento, quebra de regras pode significar prejuízo ou danos apenas aparentemente e não necessariamente um rompimento do trabalho pedagógico. Nestes casos é importante analisar os motivos e adequar-se a mudanças

para melhorar a qualidade do processo educativo.

Na sequência a fala da professora que afirma que os alunos são indisciplinados por não lhes terem esclarecido que regras devem seguir, e ainda que eles devam participar da discussão dessas regras de disciplina:

(...), por exemplo, cometeu tal coisa, vai lá e se você fizer isso vai acontecer isso. E na hora que acontecer você disciplina (...) eu acho que primeiro discutir com professores e depois com os alunos, nós discutimos isso, eles podem opinar sim, acrescentar ou eliminar e ficar a vista de todos. Olha gente se acontecer tal coisa, sem discussão, sem falação, fez, paga. Eu vejo assim e os alunos querem disciplina, querem rigidez tem que ter regras... (ESCOLA B PROFESSORA 2).

Neste entendimento, violência difere-se por causar danos e/ou sofrimento ao outro ou a algo que lhe pertence. Assim quando a indisciplina não é entendida pelo professor, a escola pratica violência, a violência da escola. Muitas das vezes torna-se necessário que os educadores estejam atentos e tenham cuidado ao julgar o comportamento dos adolescentes que, às vezes, contém uma ambivalência intrínseca, ou seja, pode ser confundido se é realmente uma violência ou uma preponderância ou uma subordinação, ou está inserido nas normalidades das relações.

Outro problema na violência classificada como da escola é a evasão escolar, reflexo de uma questão social, uma exclusão e, no Brasil, o sistema educativo brasileiro ainda apresenta características estruturais que constituem obstáculo ao seu desenvolvimento social e econômico: as elevadas taxas de retenção e abandono escolar (SOARES; FERRAO; MARQUES, 2011).

Ou seja, a produção da exclusão no âmbito da sociedade é, também, praticada no âmbito da educação. Como as desigualdades presentes no campo social que apresentam-se na escola sob a forma de reprovações, sucessão e abandonos e retornos e, por fim, a exclusão definitiva. Está formado, assim, o ciclo das desigualdades: baixa escolaridade falta de qualificação profissional, falta de emprego, tornando-os vulneráveis socialmente (PRIOTTO, 2011).

Assim, a violência interna e circundante à escola, frequentemente atribuída aos adolescentes excluídos (ou em vias de exclusão) da escola, é também o produto do funcionamento de uma sociedade construída com base nestas desigualdades.

Em outras palavras a violência escolar está aumentando não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo. E, segundo os relatos, as tipologias de violência apontadas pelos entrevistados no cotidiano escolar são as ameaças e agressões verbais e físicas entre alunos e entre estes e os professores. Os professores em seus relatos destacam que a violência escolar está banalizada,

provocando inclusive que vários atos deixam até de serem percebidos como violentos.

Discorrer e preocupar-se com toda essa questão de violência escolar que abarca diferentes dimensões como a política, a econômica, o social, e o cultural são de grande interesse para: identificar a tipologia da violência escolar existente envolvendo alunos adolescentes, e quais práticas/ações são realizados para diminuir ou tentar prevenir a violência.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, realizada em três colégios estaduais localizados na cidade de Foz do Iguaçu, que faz fronteira com Paraguai e Argentina.

A coleta dos dados se deu por meio de entrevista individual semiestruturada com três questões abertas e gravadas no período de março a junho de 2009. Foram entrevistados nove professores, três diretores, seis coordenadores pedagógicos, um juiz, um policial da patrulha escolar, e doze alunos adolescentes.

Os critérios para escolha dos participantes da pesquisa definiram-se por:

A) interesse em participar do estudo e ter disponibilidade para conceder a entrevista;

B) Professor e pedagogo: exercer o magistério há mais de três anos;

C) Alunos: adolescentes, com idade entre 12 e 18 anos, do ensino fundamental de 7ª a 9ª ano e 1º e 2º ano do ensino médio, de ambos os sexos. Buscou-se um grupo heterogêneo, composto de alunos com problemas disciplinares, atos ou práticas de violência, e outros que não tivessem esses problemas e, sim com boas notas;

Para a realização da pesquisa solicitou-se, autorização do Núcleo Regional de Educação e do diretor (a) da instituição pesquisada. Sendo destacada e respeitada a questão do anonimato, da confidencialidade das informações e da voluntariedade de participação na pesquisa por meio da assinatura do termo livre e esclarecido de consentimento (TCLE). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, sob o parecer 149/2009.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para identificar as percepções e as práticas/ações dos participantes de acordo com os resultados dos dados coletados nos livros e atas das escolas, nos

boletim de ocorrência da patrulha escolar, na ficha escolar de alunos e nas entrevistas realizadas, buscou-se apresentar na classificação escolhida de violência na escola, violência contra a escola e violência da escola:

Violência na escola:

Droga: encontrado cigarro com alunos da 9º ano e 1º ano do E. Médio; Aluno de 12 anos teve sua bicicleta roubada por um rapaz na frente da escola; Furto de três bicicletas dentro da escola por outros alunos; briga entre alunos dentro da sala de aula; Briga entre 2 alunos de 16 -15 anos, com escoriações e perda de um dente; Aluno, 15 anos, agredido por 5 alunos; Aluno, 15 anos, agredido por outro aluno; Aluno 15 anos, agrediu professor de Educação Física. Ao retornar da suspensão empurrou funcionário no portão da entrada da escola; Aluna, 18 anos, agrediu outra aluna; Aluno, 15 anos, agrediu outro aluno que fraturou um braço e perdeu um dente; Aluno, 15 anos, agrediu três professores no mesmo dia; aluna, 14 anos, furtou vários objetos de outros alunos, em várias salas de aula; Aluno, exibiu genitais a outra aluna; Aluno, 15 anos, agrediu outro aluno, que o chamou por um apelido que não gosta; Aluno de 12 anos, sofreu espancamento pelos pais; Briga entre dois alunos, um atirou uma pedra que quebrou o vidro da janela da sala de aula atingindo um professor; Homicídios: aluno, 18 anos, assassinado na porta da escola - aluno envolvido com drogas e com mais de 4 passagens pelo DEA; Três alunas, ameaçam com um canivete outra aluna; dois alunos assassinatos, 16 e 18 anos, no entorno da escola; Três alunas, foram ameaçadas com uma arma de fogo descarregada por outra aluna; Aluno, jogou produto químico em dois alunos e hasteou fogo; Dois alunos saíram da sala de aula e dirigindo-se ao banheiro foram abordados por um policial que fazia uma palestra na escola um dos alunos desacatou o policial; Aluna, 14 anos, desacatou a direção com palavras grosseiras; Mãe de aluno com perturbação mental "xingou" a diretora; Aluno, 14 anos, utilizou de palavras grosseiras à diretora; Aluna, 14 anos, ameaçou a diretora de morte; Aluna 12 anos, recebeu carta em sua casa com ameaças e intimidações, assinado por várias alunas da escola; Cinco alunas agrediram, ameaçaram e intimidaram uma aluna, transferida da cidade de Brasília; Mãe de aluno suspenso ameaça diretor; Aluno no intervalo da aula ameaça "matar" coordenação pedagógica; Duas alunas discutiram por ciúmes do namorado; Três alunos, de 14 e 15 anos, usaram de palavras grosseiras e enviaram um bilhete, desatando o professor; Aluna 13, 14 e 15 anos, desacataram o professor; Sete alunos "xingaram" os policiais da patrulha escolar durante uma vistoria pela mesma na escola; Aluno, ameaçado por outros alunos fora da escola; Três alunas em sala de aula, desrespeitaram alunos e professores ao jogar água na sala de aula; Mãe procura a coordenação pedagógica para falar que sua filha não quer vir à escola.

Violência da escola: Assinatura em Branco: em alguns casos de transferência de alunos de outras escolas a direção somente aceita esse(s) mediante assinatura dos pais ou responsáveis na folha de transferência sem data, no caso de o aluno (a) não seguir as determinações disciplinares da escola. Este será transferido;

#### Violência contra a escola:

Livro ata roubado no início do ano letivo; Alunos quebraram vidro da porta da sala da direção; furto de torneiras do banheiro masculino e feminino; Furto de telhas externas, ralo do bebedouro, fios elétricos, cabos de telefones; Invasão no final de semana na escola, com furto de dois extintores e lâmpadas; Dois alunos entraram na despensa anexo à cozinha da escola e furtaram comida; Furto de telefone; DVD; Furto de três pastas de alunos da secretaria da escola; Encontrada Arma de Fogo na sala de aula, pistola calibre 45 marca: Auto nº 93; Aluno, quebrou vidros das salas de aula e tirou a massa de outros vidros; Carro do professor estacionado dentro da escola foi riscado e dois pneus furados.

Para que se possa compreender melhor a questão das definições classificadas pelo pesquisador ante o depoimento, a seguir é demonstrado um exemplo de violência na escola e violência da escola: na fala da diretora da Escola A, esta envolve tanto a violência na escola como da escola, sendo isso aceitável, pois se disse da importância de analisar os fatos, para então classificá-los, não sendo determinantes como únicos a uma classificação:

Juiz manda muitas crianças 14-15 anos com duas ou três passagens pela Delegacia do adolescente (DEA), são alunos que vem para fazer a 6º ano, muitos fumam maconha, e estão traficando lá fora; entram aqui dentro e nossos alunos, muitos não sabem nem falar palavrão. Aprendem; são aliciados. Tem aliciamento de menores, têm uma menina de 14 anos, aqui do ladinho tem um barzinho abandonado e um bosquezinho ela com 4 crianças da 6ª ano então 5 alunos meus, tinha três maços de cigarro com ela. Primeiro ela acostuma com o cigarro e depois pega a maconha. Então que inclusão é essa, e que exclusão nós estamos fazendo, porque no momento que nós estamos incluindo os ruins, nós estamos excluindo os bons (ESCOLA A DIRETORA). Mãe pediu ajuda da coordenação pedagógica para que o professor de Educação Física devolvesse a corrente de ouro que pegou de sua filha. Perguntado ao professor, o mesmo alegou que perdeu a corrente;

Quatro alunos do 1º ano do ensino médio de 15 - 16 anos soltaram uma bomba no horário do intervalo. Violência contra a escola por caracterizar atos de vandalismo; Violência da escola ao expulsar e transferir alunos.

Considera-se que a violência mostrada nas escolas pesquisadas surge de problemas que acometem o dia-a-dia da escola; muitos não podem ser resolvidos, sem que se busque por soluções coletivamente. Ou seja: os professores e gestores os professores e gestores contemporâneos não fomos treinados para conviver e solucionar este tipo de situação-problema, mas precisam apresentar soluções que modifiquem, mesmo que lentamente, o quadro que se desenha na atualidade (CHRISPINO; SANTOS, 2011).

Perguntou-se aos profissionais e aos alunos o que pode ser feito para diminuir a violência escolar.

a) Abrir a escola nos finais de semana: Pais e comunidades dentro da escola;

Trazer os pais para dentro da escola. Promover a abertura é a flexibilização a comunidade. Ter apoio da comunidade, para a escola investir mais em equipamentos (JUIZ).

Ela já está aberta novamente. As crianças têm vindo eu tenho medo que aconteça alguma coisa, que eu pegue alguma criança que tipo, estupro ou fumem droga, tem o policial, ele tem a vida dele, tem que sair para almoçar, para jantar. Então eu quero saber se nesse momento acontecer alguma coisa. Então está funcionando final de semana com o guarda (ESCOLA A DIRETORA).

Torna-se uma ação educativa e social quando a escola permite que tanto os alunos quanto a comunidade ocupem um espaço público, que estaria fechado no fim de semana, e façam dele um centro social e cultural. Isso pode motivar a solidariedade entre as pessoas, que criam afinidade com a escola e ajudam a cuidar da instituição escolar como patrimônio da sociedade.

b) Indisciplinaridade: No caso de desordem ou desobediência, usar penas disciplinares.

La Taille (1996) propõe que deve-se reforçar no adolescente o sentimento de sua dignidade como ser moral e prepará-la para o exercício da cidadania.

E ainda como mecanismos a interação adequada para os problemas de conflito interno, a mediação no nível de relação, por outro lado caso não obedecer tem penas disciplinares, fazer um comum acordo com os alunos às normas de direitos e deveres seria procedimentos indisciplinados... (JUIZ).

Eu tento resolver com o meu aluno, converso, faço pensar e caso não mude só então eu trago para a direção daí é pra valer (ESCOLA B PROFESSORA 2). Não centrar no foco da origem, mas nós tentamos mostrar que a forma que eles estão tratando não serve manter a discussão sem querer chegar à conclusão leva um tempo eu tento escuto um, ouço outro e mostro a eles não tem culpado. (...) isso é muito melhor que ficar gritando. Agora eu acho que

todo mundo deveria estar preparado para isso porque pra mim isso tem a ver com concepção com entendimento de relações humanas isso não é uma questão profissional e claro que uma concepção pedagógica isso pra mim é pré-requisito, nós temos um acordo que no primeiro problema na sala de aula o professor que tem que tentar resolver isso em sala de aula e têm que fazer um registro e o aluno assina depois de três casos encaminha para o pedagogo (ESCOLA B PEDAGOGO A).

Eu não tenho problemas com aluno, chamo a atenção, eu já tive um aluno agressivo 17 anos e nas minhas primeiras aulas, eu tava falando sobre o Egito e eu chamei a atenção e vou anotar aqui que você perdeu a nota de participação e comportamento e você já perdeu a metade ele ficou quieto, e conversou com outro aluno que contou pra ele como era o meu sistema ele chorou na sala, e depois veio me pedir desculpas e... uma outra aluna que veio de outro colégio se alterou comigo, anotei no caderninho e depois iria chamá-la para conversar, mas, ela me procurou e conversamos, não é fácil trabalhar com adolescência (ESCOLA A PROFESSORA I).

Os resultados aproximam-se de uma pesquisa realizada por Cunha (2009) na qual remetem para algumas ponderações que se considera importante como: a escola precisar incluir práticas que tornem a educação, agente do pensamento em que prevaleçam alternativas, como a noção de justiça por reciprocidade, para reverter as condutas que levam para o pensamento expiatório e às práticas de repressão.

c) Normas/Contratos/Preceitos:

A gente trabalha normas e preceitos básicos que eles têm que ter, o princípio básico é respeitar a escola porque se eles têm a normas, eles não geram a violência, temos um trabalho escrito com os direitos e deveres dos alunos e todo começo de ano os professores discutem com eles (ESCOLA B PEDAGOGA B).

Nós temos um termo que ele (aluno) assina concordando com aquilo, mas se ele não consegue cumprir totalmente, mas, ele demonstra uma vontade de melhorar a gente considera pela mudança de comportamento então é sempre o trabalho, eu confio em você, mas, vai depender do aluno (ESCOLA B PEDAGOGA B).

Uma professora que faz assim quando o aluno começa, ela chama o aluno fora da sala na porta da sala e conversa com ele e diz como as coisas funcionam e volta para sala e funciona, quando ela chega a me encaminhar algum aluno é porque já passou de várias conversas com ela (ESCOLA B PEDAGOGO A).

Uma ação educativa psicológica, política e social por promover a diminuição da violência com respeito a regras e aos outros, uma política pública por discutir com os alunos os preceitos básicos para cuidar da sua escola.

d) Realizar práticas esportivas, gincanas:

Fazemos a prática lá na quadra, com alunos do 6º, 7º e 8º ano que dão problemas, fazemos uma gincana pra saber quem são os melhores de sala, gincana de matemática, fora essa do próprio MEC fazemos, para saber quais são os alunos melhores, é claro que gera uma ciúmeira, mas não são todos, são assim 10% de alunos que vão nessa (ESCOLA B DIRETOR).

Nós temos um professor voluntario de capoeira que trabalha com alunos, para que se ocupem faz grupo, de 20 alunos 2x por semana, eu tenho outro grupo com uma parceria da prefeitura programa núcleo esportivo e quem coordena é a vice-diretora para trabalhar com os alunos com comportamentos difíceis, meio violentos, eu preciso sim, arrumar um espaço e horário (ESCOLA C DIRETORA).

Eles tão programando ter três dias de jogos intersalas, então vai ter xadrez, basquete, futsal, os professores estão pondo jogos de tênis de mesas, improvisaram a mesa, (...) mas o importante é que os alunos querem participam dos jogos e nestes dias os alunos vão pagar um taxa de inscrição tipo 1,00 e daí esse dinheiro nós vamos comprar os jogos que estão faltando na escola. Esse é o primeiro, a gente vai avaliar (ESCOLA C, DIRETORA).

Observa-se que o esporte estimula o convívio e solidariedade social e cultural. No entanto sabe-se que é comum nas escolas a realização de gincanas, campeonatos, atividades de concorrência que, por mais honestos que sejam, tem um vencedor e todos os demais são perdedores, os piores, estabelecendo uma relação de competitividade que gera conflitos. Logo, a ação educativa precisa substituir a competição por cooperação para alcançar um resultado satisfatório.

d) Realização de Projetos:

Projeto sobre meio ambiente Formação de Educadores Ambientais (FEA), envolve conscientização, passeio, visitas técnicas, plantio de árvores, atividades artísticas, palestras e regaste de valores; Amostra científica e cultural (será colocado no Projeto Político Pedagógico - PPP) acontece uma vez ao ano, com temas diversos, pretendem publicar os trabalhos em CD para que todos conheçam os trabalhos dos colegas (ESCOLA C PROFESSOR 2).

Além da amostra científica, reserva-se um espaço cultural, onde os alunos podem apresentar danças, cantos ou exibições de embaixadinhas, sem notas ou premiações; apenas todos são valorizados, já que os trabalhos de conteúdo disciplinar são avaliados nas respectivas áreas; Mutirão da limpeza com todos os alunos da manhã, tarde e noite para cuidar e manter a escola limpa e sem depredação (ESCOLA B PEDAGOGO A).

Essa prática educativa contempla as ações psicológicas, sociais, culturais e políticas envolvidas, quando potencializa as mudanças na escola e constrói relacionamentos e parcerias numa atuação colaborativa e responsável.

e) Palestras / leitura de textos:

Esse ano eles tiveram duas palestras sobre drogas com a polícia militar com o sargento, também folhetos orientando... (ESCOLA A PROFESSOR 3).

Para diminuir da violência nós professores de português, temos uma grande preocupação de trabalhar com a leitura de selecionar textos de situações do momento pra discutir com os alunos e até ouvimos boas opiniões, mas, a prática muitas vezes acontece totalmente o contrário a escola está sempre fazendo algo voltado para combater a violência (ESCOLA A PROFESSOR 2).

A escola tem alguns mecanismos o próprio trabalho do educador que ele realiza então ele já busca dentro desse trabalho trabalhar essa questão da violência, eu sou professora de alunos da 5º ano eu busquei algo que falasse de amor então eu não busquei só o texto busquei algo que pudesse falar sobre o amor, egoísmo, respeito, então eu acho que o professor tem condições de trabalhar essas questões. (...) nós temos uma turma com um comportamento muito difícil eles brigam, gritam, batem, é um horror é uma turma da 7º e uma do 8º ano então se os professores não fizerem um trabalho diferenciado com essas turmas eles não conseguem trabalhar dentro da sala de aula, eles (alunos) estragam, quebram tudo vidro porta, carteiras, porque eles estão fora da faixa etária então o professor não consegue trabalhar o conteúdo separadamente de qualquer outro aspecto de ética de comportamento eles têm que envolver um pouco disso se não, não trabalha (ESCOLA C DIRETORA).

A gente chamou o pessoal do Núcleo, uma palestra ela falou com os pais sobre educação a disciplina que não era proibido bater nos filhos pode, mas educar com varas está escrito na bíblia e tal para não desviar dos caminhos ela deu uma palestra bem emocionante falando para os pais, porque eles deixam muitos sozinhos os filhos por causa do trabalho ou vícios né pais, mãe que tem vícios e então acontece às vezes né do filho ficar sem apoio então ele procura na escola pra falar dos sofrimentos dos sentimentos da violência da casa, eu mesmo já denunciei ao conselho tutelar violência de pais contra os filhos aqui vários porque é o trabalho da escola é também defender o adolescente é muita agressão física, hematomas, nos queremos que os pais eduquem o filho com amor e não com violência (ESCOLA A PEDAGOGA B).

É uma ação educativa psicológica, social e cultural devido à integração entre pessoas no caso, onde o público possa participar com comentários, reflexões e buscas para uma discussão e soluções. Ao contrário disso, é uma ação com efeito paliativo, um tempo depois não lembram mais nada.

f) Festas: Realizar festas juninas com objetivo de construir um meio de diversão, trazer a família para dentro da escola, não permitir entrada de pessoas estranhas, evitar o uso do álcool, (quentão sem álcool), Não permite a entrada de pessoas estranhas e cuidar da escola que é por cima do muro a entrada de coisas ilícitas de drogas de armamentos etc. (ESCOLA A PROFESSOR 2). Essa atividade resulta numa ação educativa, psicológica, social e cultural ao promover a socialização e o lazer.

g) Atividades recreativas e de orientação:

Programas como rodas de conversa (JUIZ).

Festival de cantar com padre, pastor e chamamos os pais (ESCOLA B DIRETOR).

Dinâmicas de grupo com uma acadêmica de serviço social, com algumas turmas, e tem a psicóloga que trabalha com os alunos, com problema tanto de aprendizado como de disciplina. O atendimento é individual, o pai vem primeiro, depois do pai ela começa a atender a mãe; (ESCOLA A DIRETORA); Aula de educação física, com momentos de lazer em dias de chuva, trazer música e depois brincar de: - Qual é a música? (ESCOLA B PROFESSOR I); Existem algumas ações isoladas desenvolvidas por algumas escolas, como por exemplo, grupos teatrais, práticas esportivas, programas relacionados ao meio ambiente, que tem como objetivo, ocupar o tempo ocioso dos adolescentes. Normalmente estas ações se desenvolvem em horário diferenciado ao horário das aulas (POLICIAL).

São ações educativas psicológicas, sociais, culturais e políticas com atividades que envolvam socialização, cooperativismo, respeito; valorização do ser humano.

h) Participação familiar / Clube de mães:

A iniciativa objetiva a cooperação e participação dos pais dentro da escola. Conversas com as famílias, pais, alunos e professores, todos juntos numa sala de aula, colocamos todos os problemas da sala, a organização dela, tendo o cuidado de não citar nomes, isso faz os pais serem mais participativos; reunião com os pais em particular e os casos mais sérios, com encaminhamento para o conselho tutelar; atendimentos pela psicóloga aos alunos e pais; conhecer o aluno e sua família seus pais, o que fazem qual o trabalho, valorizar o aluno; acreditar no aluno e, que, ele tem a chance de se recuperar, dar mais atenção, elogiar, conversar mais, eles mudam o comportamento; É certo que o filho, aluno (a) que tem sua mãe, seus pais ou um responsável, participando dessas atividades percebe, demonstrado amor e interesse para com ele (a).: Tentamos montar um clube de mães que algumas vêm, hoje mesmo tinha duas mães aqui tomando lanche, mas não é fácil, não só isso, falta profissional, falta recurso, falta espaço, falta tudo (ESCOLA B DIRETOR).

Tem sim, conversar com os pais chamar os pais conversar com os pais colocar os pais alunos professores e tentar conversar perguntar para os pais o que eles querem para seus filhos. Para ter mais respeito na sala eu vejo a violência na saída da escola nas janelas nos vidros nas cortinas eles quebram, arrebentam, danificam o que puderem. Ontem mesmo chamamos uns 20 pais e vieram uns 7-8 chamamos todos para uma conversa familiar e colocamos todos os problemas que estão ocorrendo naquela sala, problemas de comportamento, (...) a gente faz já 20 anos eu gosto muito dessa prática pedagógica na escola, eu trabalhei em várias escolas e, é só aqui e que fazem isso (ESCOLA B PROFESSORA 3).

Ano passado tivemos várias reuniões para os pais com a patrulha escolar (ESCOLA A PEDAGOGA A).

Outras ações que ameniza muito, com muitos alunos com problemas, de ter AIDS, preso, eu tenho um aluno do 8ª ano e hoje ele tava na janela e, eu observei que se eu tentasse enfrentar ele iria me encarar é um aluno que já fez assalto com mão armada, eu cheguei perto dele e disse: você lembra que eu fui tua professora desde pequenino, você lembra como você era estudioso, vamos tentar, vamos recuperar? (ESCOLA B PROFESSORA 3).

Eu tinha um aluno muito agitado, ansioso, com muitos problemas de disciplina, mexia no material dos colegas, mexia com os colegas, ele tem 15 anos e tá no 8ª ano, então ele já tá atrasado e eu conversei com a sua mãe uma ótima pessoa e, eu falo com ele sobre a sua mãe que eu amei conversar com a ela, uma senhora fora de série e sinto que ela tem um amor por você, que ele é um rapaz privilegiado, agora ele é outro. E o aluno... Que eu conheci a avó dele e conversamos que me contou sobre a vida dele e quando falei com ele que conheci a avó dele e ele disse - eu não, meus pais não me quiseram - e eu disse que quem tem uma avó como ele é privilegiado e ele mudou com a minha pessoa, está mais participativo isso ajuda eu trabalho aqui há dez anos e, eu conheço muitos deles e suas famílias, seus pais, o trabalho de seus pais e quando acontece algo eu chego assim - hoje mesmo eu falei: Oi Joseane tua mãe pegou muito faxina porque você não tem vindo para a aula. É assim, tem outra que é apaixonada pelo professor de geografia eu cuido porque é uma menina que sofre com o amor platônico então eu cuido para que os colegas a respeitem (ESCOLA A PROFESSORA I).

Curiosamente, as iniciativas estão surtindo efeito positivo e pode ser um dos caminhos para diminuir os problemas vivenciados dentro da escola e no social. Essa iniciativa defende que, sem a participação efetiva da comunidade nos processos decisórios da escola, não há como combater efetivamente problemas de repetência, evasão, violência e exclusão social, sendo estes, cronicamente pertinentes à escola. Pelo exposto, pode ser visto que é uma ação educativa psicológica, social e cultural.

i) Estudo em grupo: todos os professores da escola recebem um tema específico para estudar e aplicar o conteúdo em sala de aula, partindo-se da ideia de gerar e difundir conhecimento que contribua para a melhoria da qualidade do ensino, estimulando os interesses dos alunos e dos professores para temas atuais.

A gente tentou uma forma não deu muito certo. Então a gente pegou um tema específico que era o aquecimento global para o primeiro bimestre, então tudo que estivesse relacionado com aquecimento global com o social, com meio ambiente, pegamos todos os conteúdos onde se encaixavam tivemos no primeiro e segundo mês, até que deu certo teve alguns professores que fizeram um trabalho muito bom só que a maioria não se envolve (ESCOLA B PEDAGOGA B).

j) Avaliação/acompanhamento/conselho de classe: No sistema de avaliação que chamaram "*Atitudinal*" o aluno tem que mudar de atitude no processo avaliativo. Discute-se de que forma e como. Usa como instrumento o trabalho em grupo, a organização, a letra do texto; Acompanhar o caderno do aluno com atendimentos individuais e coletivos. No coletivo busca-se misturar, juntar os alunos que têm uma liderança negativa com os que têm uma positiva, para realizarem atividades e trabalhos juntos; alunos com problemas na sala de aula, buscar atividades para fazerem o que mais gostam como jogar bola, participar de torneios para que eles possam participar, exige-se deles a média mínima, inclusive com assinatura prévia de consentimento registrado em termo próprio. Sempre se avalia e considera as mudanças de comportamento; No conselho de classe falar só de alunos que têm dificuldade, exigindo deles mais rendimentos de notas;

(...) esse trabalho de acompanhar o caderno que muitas vezes a família não faz, de ver se o aluno tá vindo ou não e a questão de incentivar e não é só um aluno têm vários então são atendimentos individuais ou coletivos, a gente chama esses alunos e explicam à ideia eles dão outras ideias, a gente vai tentando. A gente escolhe aquele aluno, que tem um aspecto de liderança, por exemplo, que vai repassar para os outros alunos não que os alunos não têm potenciais, mas precisa que esse aluno repasse saia vá buscar pais, alunos, para colaborar com a escola e, quando temos uma liderança negativa a gente inclui ele com aqueles alunos de liderança positiva às vezes precisa vender rifa que é uma prática que eu condeno e, é uma prática que serve pra suprir a necessidade da escola o que não é feito pelo Estado então qual o nosso problema o verão de Foz do Iguaçu e muito, muito quente e não é um luxo é uma iniciativa então pra gente conseguir o dinheiro para comprar ar condicionado então os demais alunos ficam estimulados a colaborar para também ter na sua sala. (...) nós instituímos para que os alunos possam participar de campeonatos intersalas eles têm que ter no mínimo 6,0 na média se não, não joga e isso estimula para que eles queiram estudar. Têm

outros que não gostam de bola e participam de outras atividades como a sala de jogos interativos para terem outras atividades e não fiquem sem nada (ESCOLA B PEDAGOGA B).

no sistema de avaliação da escola, discutimos as concepções de avaliação e apontamos que um dos elementos de avaliação tem que ter, nós chamamos, de atitudinal ela tem que mudar a atitude no processo avaliativo e discutimos de que forma e como e também escolhemos um instrumento de trabalho em grupo na sala o que é trabalho em grupo, a organização do grupo, a letra comum do texto, e um instrumento pedagógico que tem ajudado neste processo porque a gente leva as pessoas a ter uma relação num outro nível, um nível assim de não violência porque se não o trabalho não funciona, isso nos achamos melhor que fazer palestras sobre respeito, sobre ou atitudes, então o trabalho junto surge efeito e tem ajudado muito. Por exemplo, o conselho de classe eu vou pegar as avaliações dos professores os quais tem alunos que tem maior dificuldade nos atendimentos que eu fiz e no rendimento das notas (ESCOLA B PEDAGOGO A).

São propostas de ações educativas sociais, culturais e políticas pela notória influência exercida pela avaliação, não só durante a vida estudantil, mas também no decorrer da vida social de cada indivíduo, não só no tocante a questões exclusivas como mercado de trabalho e outras, mas com relação inclusive às escolhas futuras que possa o aluno fazer, ou mesmo à própria formação de seu caráter e construção de sua personalidade. A avaliação escolar necessariamente configura-se como uma prática de investigação do processo educacional, como um meio de transformação da realidade escolar. É com base na observação, na análise, na reflexão crítica sobre a realidade, pelos sujeitos envolvidos no processo de trabalho, que se estabelecem as necessidades, prioridades e propostas de ação. Daí a dimensão educativa da própria avaliação, gerando continuamente novas evidências, desafios e necessidades em relação ao contexto escolar (SOUZA, 2007).

k) Ter um Grêmio estudantil: uma organização sem fins lucrativos que representa a importância dos estudantes e que tem fins, cívicos, culturais, educacionais, desportivos e sociais. É órgão de representação dos estudantes da escola, atuando nele, o aluno defende seus direitos e interesses, aprende ética e cidadania na prática (PARANÁ, 2009).

A proposta da escola e o seu objetivo é descrever sua importância como ação social, cultural e política. No entanto, a escola, seus professores e direção sabem que terão problemas nas indicações de alguns alunos devido ao interesse pessoal ou grupal. Os professores que conhecem os alunos os julgam pelo comportamento, tornando-se uma situação imposta e delicada para a escola.

Outra prática é o grêmio estudantil na escola nós estamos pensando o que fazer para que esses alunos tenham um comportamento diferente porque tem uma diferença entre os períodos à maioria das escolas do ensino médio da manhã são mais calmos e a tarde, mais violentos (...) o grêmio vai ser bom na verdade, é uma exigência do estado então eu gostaria de estar fazendo com a intenção que eles melhorem se tornem pessoas participativas interessadas e, que eles possam tomar decisões difíceis, só que esse ano como tudo esta acontecendo aqui escola nova e tem uma chapa que quando a noite eu falei do grêmio o primeiro interessado foi um aluno que estava sendo ameaçado por uma gangue e se ele se envolver é com outro objetivo e de repente surja uma chapa de alunos que tenham o comportamento por exemplo que já pagam pena os corajosos são os alunos de comportamentos difíceis só que eles melhoram só que a maioria dos professores não querem (...) Então eu estou pedindo aos professores que vejam os alunos que tenham responsabilidade tenham liderança positiva e que frequenta aula, assíduo, que tem notas comportamento dentro da sala e eles têm que apresentar uma proposta de trabalho e o aluno que ficar no grêmio participa do conselho escolar então o conselho escolar o aluno tem que votar ele faz defesa se caso o aluno será expulso ou não, mas, nós estamos tentando que eles se organizem e que possam colaborar com a escola! (ESCOLA C DIRETORA).

O grêmio, nunca deixaram a gente participar só os melhores aluno. Nós pensa assim, pegar os alunos pior para a gente dar certo, a gente consegue (ESCOLA C ALUNO 2).

Por outro lado à opinião de alguns alunos quanto à escolha ou critérios estabelecidos para a eleição dos possíveis candidatos é parcial.

1) Sala dos professores: momento de entretenimento e de trocas de conversas diversificadas. O objetivo dessa ação psicológica, social e cultural é tornar o intervalo, na sala dos professores, em espaço onde não se fala mal de aluno. É um acordo denominado pelo pedagogo de ético, composto por professores estimulados que querem fazer a diferença:

Outra ação é tornar o espaço do intervalo na sala dos professores o espaço onde não se fala mal de aluno não tem nome pra isso é um acordo ético (...) porque é difícil se o professor começa a falar a gente troca o assunto, bem diminuiu bastante, e tem que ser cotidiano isso, se a violência é produzida cotidianamente temos que fazer ações cotidianas. Agora a questão de registrar nós não vimos à necessidade, mas fazer uma avaliação disso nós não temos registro quantas vezes os professores falaram mal de aluno.... Para pode quantificar. Na verdade eles já estão registrados no PPP da escola e de qualquer escola que você vá, quando fala que na escola é um espaço de produzir solidariedade de respeito aqui e de qualquer escola (ESCOLA B PEDAGOGO A).

m) Salas de inclusão de apoio (Português e Matemática) e sala de recursos: atende alunos do 6º anos com dificuldades e também alunos que falam de língua hispânica (Paraguai, Argentina e Chile); A sala de recursos é para alunos com problemas de aprendizagem, estudam no contraturno até conseguir retornar à sala de origem.

Outra prática pedagógica são as salas de apoio (Português e Matemática) e sala de recursos (e para aluno com problemas de aprendizagem) e porque eles agem com violência, sendo rude com o colega com o professor porque eles não conseguem aprender então a sala de contraturno e que tá dando retorno bom porque ele vem aprende e consegue voltar para sua sala de aula e acompanhar os demais colegas (ESCOLA B PEDAGOGA B).

Nós temos alunos que vem de línguas hispânicas que tem dificuldade de conteúdo (o Paraguai, a Argentina e o Chile – um caso e nós encaminhamos também.). Isso é uma pesquisa que eu faço (ESCOLA B, PEDAGOGO A).

Eu fui no CEASA buscar verduras para aumentar a merenda. Agora no apoio nós temos o cafezinho de manhã, tem aqueles que vêm muito cedo (...) Então agora nós estamos começando a dar café da manhã, porque eles vêm sem comer, à população aqui é muito carente, é uma região pobre. À tarde então dói. Sabe eu acho que é questão de você respeitar as crianças (ESCOLA A DIRETORA).

Outro dia, à noite, faltou uma merendeira da cozinha e, eu fui para cozinha e cinco voluntárias (alunas) elas estavam felizes se sentiram importantes e alguns falavam – a diretora fazendo o lanche, estranhando. Eu conversei com eles e eles gostam desse tipo de relacionamento. Então existe esse envolvimento com a escola (ESCOLA C DIRETORA).

De fato as salas de apoio à aprendizagem, surgiram por determinação de uma política pública, disposta na LDB 9394/96, resolução nº 208/04 da Secretaria do Estado da Educação que determina para o ensino fundamental criar condições para o aprendizado efetivo dos alunos. Assim sendo, é uma ação educativa cultural, social e política:

Cabe ao sistema de ensino criar condições possíveis para que o direito à aprendizagem seja garantido ao aluno; o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a necessidade de prover meios aos estabelecimentos de ensino para enfrentar as dificuldades de aprendizagem na leitura, na escrita e no cálculo; a avaliação na sua forma diagnóstica, contínua e cumulativa, como um processo indicativo dos avanços e das necessidades diferenciadas de aprendizagem (BRASIL, LDB, 1996).

n) Escola espaço para inclusão: a escola é também um espaço destinado pela lei ECA no artigo 112, denominada de medidas, sócio educativas (BRASIL, 1990). Estas são aplicadas pelo Juiz da Vara da Infância e da Juventude, somente aos adolescentes autores de atos infracionais. Condenados à prestação de serviços comunitários, sempre levando em conta o tipo do delito cometido. Na maioria dos casos, atendidos pelas escolas, são jovens com problemas de álcool e drogas, que necessitam de atenção, tratamento e acompanhamento, evitando a situação comentada pela diretora da escola A:

Eu tenho 2 adultos e 2 crianças que faz a prestação de serviço aqui e é da política de inclusão. É porque ele tem que ser matriculado, estudar e presta serviço comunitário. Eles nunca terminam o ano porque eles não se sentem aqui no lugar certo. E tem outra coisa, eles teriam que ir para um lugar onde os profissionalizassem em algum serviço, os menores. Porque o meu menino que vem só de manhã, ele não vem de tarde porque ele vende CD pirata no centro. Então ele continua fazendo coisa errada. O outro não vem porque ele leva mercadoria para fora, ele falta muita aula. Ele já desistiu praticamente, eu já falei com a assistente social do fórum, que praticamente o aluno não vem mais. Então independente dessa relação de ser humano, esse respeito com o ser humano, você consegue em qualquer lugar diminuir a violência. Mas precisa de estrutura (...). Então é complicado eu não tenho vice, eu não tenho pedagogo, está me faltando assistente administrativo. Então é complicado (ESCOLA A, DIRETORA).

o) Programas Federal e Estadual: Patrulha Escolar; PROERD; SOS criança; Conselho Tutelar. Na entrevista a policial refere perceber seu papel na escola como positivo e importante, visto que a violência está preocupando e muito a todos da comunidade escolar, visto que a cidade é fronteira. Sabe que os adolescentes esperam dos policiais da patrulha escolar mais que segurança, esperam apoio, orientação, diálogo, mesmo sabendo que isso poderá exigir muita paciência e capacidade de compreensão dos policiais. Capacitação esse como critério para a aplicação do programa PROERD em escolas públicas e privadas é realizada, em sala de aula, e o policial militar deve estar fardado. (TASCA; ENSSLIN, L.; ENSSLIN S. 2012).

Observa-se que quem chama e utiliza os serviços da patrulha escolar na cidade é somente a escola pública; a particular evita chamar por se preocupar com a imagem negativa ao ter uma viatura frente à escola (POLICIAL). Nós chamamos quando foge a nossa alçada ou quando suspeitamos de alguém rondando, de uma briga, chamamos também para palestra, para conversar, com os alunos, então esse trabalho é importante, eu percebo que esse trabalho ajuda também a inibir a violência (ESCOLA C DIRETORA).

O policial em entrevista refere sobre a resposta positiva do programa PROERD na atuação ao atendimento de alunos que sofrerem violência e que têm medo de falar. Um exemplo simples que poderia ser feito por professores, direção e demais profissionais da escola.

Durante essas aulas tem uma caixinha que fica nas salas durante a semana onde os alunos podem fazer perguntas ao policial e esse vem responder algumas delas e em alguns casos tem denúncias de bater, caso de abusos, como a denúncia de um menino numa escola contra um funcionário da escola que depois que o policial comentou algo na sala de aula veio outras sete perguntas que na verdade foi apurada era um caso de pedofilia. E outro era de um menino de 11 anos que se prostituía, ele ficava em um posto de gasolina, e por qualquer R\$ 3,00 - 5,00 reais ele se prostituía e, a família sabia. (POLICIAL).

O que se mostra é que os programas aqui citados têm uma ação social, e psicológica; dentre seus vários objetivos, destacam-se a orientação, a prevenção e a cooperação às escolas, alunos e seus familiares, preocupando-se com a melhora da autoestima e mantendo a civilidade e o controle das tensões geradas pelas diversas violências denunciadas. É político, por fundamentar-se no Estatuto da criança e do adolescente e apresentar a necessidade de determinada população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se nos resultados obtidos que a violência escolar tem gerado medo, insegurança, preocupação e para alguns a impotência da direção, supervisão, pedagogos e de professores das escolas tem levado à adoção de medidas, tais como o policiamento nas escolas, para inibir a violência. Entende-se que se faz necessário a compreensão de que a violência, como fenômeno, manifesta-se por um duplo movimento de construção e desconstrução e de que o aspecto construtivo/destrutivo desta violência seja reconhecido pela comunidade escolar. Poderão ser palavras chaves que possibilitarão aos professores um trabalho pedagógico voltado para esta perspectiva: compreender os diferentes modos de manifestação da violência e as possibilidades da sua administração, como uma forma de enfrentar as manifestações perversas desta violência; compartilhar a responsabilidade de fazerem juntos, para a obtenção do êxito.

Quanto às práticas/ações realizadas para diminuir a violência escolar, observou-se que: práticas específicas para diminuir a violência, não foram encontradas, existem sim, outras práticas efetivadas e encontradas nas escolas que no resultado final promovem a não violência escolar, porém, nenhuma delas

está registrada ou tem um controle de avaliação, mas as escolas estão tentando e vêm conseguindo, com certo sucesso, amenizar a violência no ambiente escolar. Até porque na discussão da violência escolar, considerou-se o contexto de três escolas, duas localizadas na periferia da cidade e que estão incluídas entre as mais violentas do município, e outra no centro da cidade e, necessariamente as três passam pelo mesmo problema de violência escolar; nas três escolas o diálogo foi destacado como uma das formas capazes de despertar a reflexão e a discussão, indicando possibilidades para a superação dos problemas citados pelos profissionais; nota-se que alguns professores buscam respostas ou soluções para proporcionar mais harmonia na escola. Esta harmonia, porém, se pauta em critérios vindos do universo cultural dos professores e nunca dos alunos em questão.

Dentre os resultados apresentadas pelos entrevistados quanto ao que pode ser feito para diminuir a violência escolar: maior participação nas relações sociais entre escola, familiares e comunidade; a reestruturação dos projetos pedagógicos de acordo com a realidade e necessidade local da escola, aproximando o ensino de acordo com o que seja importante para a população; incentivo ao diálogo com os alunos; cursos em tempo integral para ocupar o tempo livre dos alunos; desenvolverem ações educativas sociais e culturais como esporte, lazer, arte, comunicação, teatro; abertura da escola nos finais de semana.

Os resultados também podem servir de indicadores para novas pesquisas da real necessidade de políticas públicas de prevenção, no caso da inexistência de práticas/ações que oportunizem melhorar o respeito humano, o resgate dos valores humanos.

#### NOTA

\* Doutoranda em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto – SP, E-mail: [elispalmapriotto@hotmail.com](mailto:elispalmapriotto@hotmail.com). Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Curso de Enfermagem-Foz do Iguaçu PR.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Mirian. **Gangues, galeras, chegados e rappers**: juventude América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

BLAKISTON, Arthur. **Dicionário médico**. 2. ed. São Paulo: Copyright, 1987.

**BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases (LDB), 1996.

**BRASIL.** Secretaria especial dos Direitos Humanos. Estatuto da criança e do adolescente: lei Federal nº 8.069/1990. Brasília, DF, 1990.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescente. **Educação e pesquisa**. São Paulo. v.27. n1, p.123-140, jan/jun.2001.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, v. ano 4, n. jul-dez, p. 432-442, 2002.

CHRISPINO, Alvaro; SANTOS, Tais Conceição dos. Política de ensino para a prevenção da violência: técnicas de ensino que podem contribuir para a diminuição da violência escolar. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.** [online]. 2011, vol.19, n.70, pp. 57-80. ISSN 0104-4036.

LA TAILLE, Y. de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na Escola**. São Paulo: Ed Summus. 1996.

LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2000.

MALTA, D. C. et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 3053-3063, 2010. Suplemento 2.

**PARANÁ.** Portal educacional do Estado do Pr. Dia-a-Dia Educação, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br> >. Acesso em 10 de jan. de 2010.

PEREIRA, Maria Auxiliadora. **Violência nas escolas: visão de professores do ensino fundamental sobre esta questão**. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto, 2003.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: Políticas Públicas e Práticas Educativas no Município de Foz do Iguaçu**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

\_\_\_\_\_. Características da violência escolar envolvendo adolescentes. In: **EDUCERE**. 6º congresso de educação da PUCPR. Curitiba. 2006.

SILVA, Adam de Paulo e; SALLES J. Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, América do Norte, 2, abr. 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/13657/14013>. Acesso em: 24 Jul. 2012.

SOARES, Tufi Machado; FERRAO, Maria Eugénia; MARQUES, Cláudio de Albuquerque. Análise da evasão no ProJovem Urbano: uma abordagem através do Modelo de Regressão Logística Multinível. **Ensaio: aval. pol.públ.Educ.** [online]. 2011, vol.19, n.73, pp. 841-860. ISSN 0104-4036. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362011000500007>.

SOUSA, Sandra Zákia. **Avaliação, ciclos e qualidade do Ensino Fundamental: uma relação a ser construída**. *Estud. av.* [online]. 2007, vol.21, n.60, pp. 27-44. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142007000200003>.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.27, nº 1, 2002.

TASCA, Jorge Eduardo; ENSSLIN, Leonardo e ENSSLIN, Sandra Rolim. A avaliação de programas de capacitação: um estudo de caso na administração pública. **Rev. Adm. Pública** [online]. 2012, vol.46, n.3, pp. 647-675. ISSN 0034-7612. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122012000300002>.

Artigo recebido para publicação em 25 de Julho de 2012